

# Estudos Interdisciplinares em Ciências Humanas

Vol. 06



Periodicojs  
EDITORA ACADÊMICA



# Estudos Interdisciplinares em Ciências Humanas

Volume VI da Seção de Estudos em Interdisciplinares em Ciências Humanas da Coleção de  
livros Humanas em Perspectiva

**Vol. 06**



Periodicojs  
EDITORA ACADÊMICA



### **Equipe Editorial**

Abas Rezaey	Izabel Ferreira de Miranda
Ana Maria Brandão	Leides Barroso Azevedo Moura
Fernado Ribeiro Bessa	Luiz Fernando Bessa
Filipe Lins dos Santos	Manuel Carlos Silva
Flor de María Sánchez Aguirre	Renísia Cristina Garcia Filice
Isabel Menacho Vargas	Rosana Boullosa

### **Projeto Gráfico, editoração e capa**

Editora Acadêmica Periodicojs

### **Idioma**

Português

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

E82 Estudos Interdisciplinares em Ciências Humanas - volume 4. / Filipe Lins dos Santos.  
(Editor) – João Pessoa: Periodicojs editora, 2022.

E-book: il. color.

E-book, no formato ePub e PDF.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-89967-62-0

1. Estudos interdisciplinares. 2. Ciências Humanas. I. Santos, Filipe Lins dos. II.  
Título

CDD 001.3072

Elaborada por Dayse de França Barbosa CRB 15-553

Índice para catálogo sistemático:

1. Ciências Humanas: pesquisa 001.3072

**Obra sem financiamento de órgão público ou privado**

**Os trabalhos publicados foram submetidos a revisão e avaliação por pares (duplo cego), com respectivas cartas de aceite no sistema da editora.**

**A obra é fruto de estudos e pesquisas da seção de Estudos Interdisciplinares em Ciências Humanas da Coleção de livros Humanas em Perspectiva**



**Filipe Lins dos Santos  
Presidente e Editor Sênior da Periodicojs**

CNPJ: 39.865.437/0001-23

Rua Josias Lopes Braga, n. 437, Bancários, João Pessoa - PB - Brasil  
website: [www.periodicojs.com.br](http://www.periodicojs.com.br)  
instagram: @periodicojs



# Prefácio



A coleção de ebooks intitulada de Humanas em Perspectiva tem como propósito primordial a divulgação e publicação de trabalhos de qualidade nas áreas das ciências humanas que são avaliados no sistema duplo cego.

Foi pensando nisso que a coleção de ebooks destinou uma seção específica para dar ênfase e divulgação a trabalhos de professores, alunos, pesquisadores e estudiosos das áreas das ciências humanas. O objetivo dessa seção é unir o debate interdisciplinar com temas e debates específicos da área mencionada. Desse modo, em tempos que a produção científica requer cada vez mais qualidade e amplitude de abertura para diversos leitores se apropriarem dos estudos acadêmicos, criamos essa seção com o objetivo de metodologicamente democratizar o estudo, pesquisa e ensino na área da ciências humanas.

Esse novo volume reúne diversos artigos rigorosamente avaliados e de extrema credibilidade científica e acadêmica para a sociedade. Desejamos que todos os leitores que façam um excelente proveito para aprofundamento teórico e crescimento pessoal por meio dos estudos publicados.

**Filipe Lins dos Santos**

**Editor Sênior da Editora Acadêmica Periodicojs**



# *Sumário*



## *Capítulo 1*

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: O PAPEL DAS TEÓRICAS PEDAGÓGICAS NA CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO DIGITAL

6

## *Capítulo 2*

O UNIVERSO DAS INFÂNCIAS QUEERS NO ESPAÇO ESCOLAR

31



A vibrant, stylized illustration of a diverse group of people. The characters are depicted from the chest up, wearing various colorful clothing and accessories like sunglasses and jewelry. The background is a mix of solid colors and patterns, creating a lively and inclusive atmosphere.

## Capítulo

# 1

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: O PAPEL DAS TEORIAS PEDAGÓGICAS NA CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO DIGITAL**

# FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: O PAPEL DAS TEORIAS PEDAGÓGICAS NA CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO DIGITAL

## TEACHER TRAINING AND PEDAGOGICAL PRACTICES: THE ROLE OF PEDAGOGIC THEORIES IN THE CONSTRUCTION OF A DIGITAL EDUCATION

Jacelino Batista da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** As diversas tecnologias digitais existentes começam a ganhar popularidade e a ocupar um espaço ilimitado no campo educacional, como prevê a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de modo que não só integrem o trabalho de sua capacidade docente em seus processos educacionais, mas também o acesso ao ensino, a ideias que levam à responsabilização dos conceitos de aprendizagem. Em um momento crítico diante da globalização, durante a pandemia de Covid-19, a tecnologia didática torna-se um recurso valioso para enfrentar o problema da falta de aulas presenciais. Os aplicativos online proporcionam aos alunos uma forma de compreensão do conteúdo didático, reformulação profissional, flexibilidade, facilidade de acesso e rápida compreensão de seu uso, pois o conteúdo digital oferece a expansão e distribuição do que antes não era visto na aula tradicional. Este trabalho visa contemplar a compreensão do material, frente às necessidades dos alunos em situações escolares

<sup>1</sup> Especialização em Gestão Pública pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Especialização em Gestão de Saúde Pública pela Faculdade de Tecnologia e Ciências do Alto Paranaíba (FATAP), Especialização em Ensino de Biologia e Ciências pela Faculdade Famart (FAMART). Possui graduação em Serviço Social pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR) Licenciatura Plena em Ciências Biológicas pela Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz (FACIBRA).



e extraescolares, de forma a reassaltar a função da linguagem tecnológica, do uso benéfico das tecnologias, para que o conhecimento das antigas salas de aulas continue existindo e, desta forma, haja superação dos docentes em ensinar, com a reciclagem em sua formação pedagógica, e dos educandos em compreender.

**Palavras-chave:** Educação. Tecnologia Educacional. Didática. Formação Pedagógica.

**Abstract:** The various existing digital technologies are beginning to gain popularity and to occupy an unlimited space in the educational field, as foreseen by the National Curricular Common Base (BNCC), so that they not only integrate the work of their teaching capacity in their educational processes, but also the access to teaching, to ideas that lead to accountability for learning concepts. At a critical moment in the face of globalization, during the Covid-19 epidemic, didactic technology becomes a valuable resource to face the problem of lack of face-to-face classes. Online applications provide students with a way to understand teaching content, professional reformulation, flexibility, ease of access and quick understanding of its use, as digital content offers the expansion and distribution of what was not previously seen in the traditional classroom. This work aims to contemplate the understanding of the material, facing the needs of students in school and out-of-school situations, in order to emphasize the role of technological language, of the beneficial use of technologies, so that the knowledge of the old classrooms continues to exist and, in this way, In this way, teachers excel in teaching, with recycling in their pedagogical training, and students in understanding.

**Keywords:** Education. Educational technology. Didactics. Pedagogical Training.



## **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho visa compreender o uso da tecnologia no processo de aprendizagem e aprendizagem no ambiente escolar e se adaptar à situação, enfatizando o uso e desenvolvimento de materiais de construção tanto quanto possível de formas digitais nas unidades escolares. O surgimento dos avanços tecnológicos nas últimas décadas trouxe grandes avanços no desenvolvimento de ferramentas de comunicação em tempo real. Com isso, vemos que a tecnologia digital está entrando no setor educacional de forma mista.

Nessa perspectiva, o conhecimento ganhou credibilidade como ferramenta de ensino, e seu uso em sala de aula faz sentido, pois pode proporcionar uma nova forma de fazer a lição de casa. Portanto, por estar em fase inicial de desenvolvimento no campo da educação, pode ser vista como mais uma nova tecnologia, segundo Curtado (2008, p. 4), para explorar diferentes formas de despertar a instabilidade mental. Portanto, o planejamento eficaz da sala de aula introduz, em primeira análise, a busca de formas inteligentes e flexíveis de expressar a estrutura mental dos alunos”.

Nesse sentido, destacamos alguns fatores, como a adaptação a condições como distribuição e produção e, portanto, aumentar as oportunidades de ensino. Ou seja, no ambiente escolar, o uso de materiais pode incluir ações para aumentar o tempo, por meio da utilização de arquivos de áudio digital para vincular a escuta à fala descritiva em diferentes tempos e espaços, além de proporcionar a reutilização de outros materiais. (FREIRE, 2013).

No entanto, embora suas características técnicas estejam associadas aos arquivos digitais de áudio, a história apresenta recursos de produção e acesso que justificam a viabilidade de um novo en-





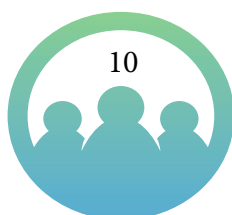
sino, refletido não apenas em suas capacidades como tecnologia de áudio, mas também na arte de falar e escrever. ansiedade. Nesse sentido, a afirmação de um conceito comum que entende a educação como função do desempenho escolar é contraditória, sugerindo que o conceito de educação não pode ser dissociado do conceito educacional mais amplo que considera o método de ensino de utilização do material de construção do texto. .

As estratégias de ensino a serem utilizadas serão variadas, incluindo alfabetização, e o programa será organizado em sala de aula da unidade de ensino fundamental e definido de acordo com o sistema de monitoramento. Portanto, este trabalho é importante porque busca compreender a inserção do material no trabalho docente, não apenas por refletir o texto que está circulando na sociedade moderna, mas também porque guarda as características humanas mais comuns e a leitura comum: a oralidade, e comportamento sensível, consciência ambiental e promoção da comunicação e comunicação.

É muito importante que, juntamente com outras motivações, a razão deste trabalho seja acreditar que os tipos de material textual aprendido ao longo do currículo podem atender às necessidades dos alunos em situações comuns ou fora da escola quando confrontados com ele. situações de ação em que precisam ser definidas e discutidas sobre temas específicos.

Em 2020, no final de fevereiro, início de março, o mundo começou a sentir a ameaça infecciosa do Coronavírus, também conhecido como COVID/19. O vírus destrói o mundo, infecta pessoas com infecções respiratórias, as infecta e muitas vezes leva à morte, quase como o resfriado comum, o Coronavírus é altamente contagioso, quando você entra em contato, aperta as mãos ou entra em contato com pessoas infectadas.

A doença criou algo novo na rotina diária das pessoas em todo o mundo, colocando indiví-



duos, em casa, outras pessoas em risco, incluindo quaisquer escolas, resorts e componentes não essenciais à sobrevivência humana. . (Santos, 2020). Com essas mudanças, o cotidiano mudou e muitos alunos e professores estão em casa. Allan (2020) entende que com a continuação do COVID, “muitas escolas e universidades estão começando a rever seus métodos de ensino” e a tecnologia se tornou prioridade.

Como tudo aconteceu tão rápido, não havia flexibilidade, mas flexibilidade em termos de aulas e atividades, o que acontecia muitas vezes ao homem e agora quase exclusivamente, uma grande mudança para “milhares de professores e milhões de alunos”, que precisavam “encontrar novas formas de ensinar e aprender”. (ALLAN, 2020). Mesmo no crescente mundo dos avanços tecnológicos, onde as gerações atuais estão mais conectadas e mais acostumadas a utilizar os processos tecnológicos, a transição dos tempos presenciais para o ensino superior é difícil e limitada, tanto para professores quanto para alunos.

Siqueira (2020) cria um pensamento profundo, pois “a tecnologia proporciona novas formas de aprender e ensinar, com diversos recursos didáticos que ampliam o acesso à informação, algo que nunca foi usado em um ser humano”, desta forma, a tecnologia permite a comunicação à distância entre as pessoas.

Por isso, propõe-se, com esse estudo, uma sequência didática, amparada no gênero material digital, entendendo que muitos são os desafios a serem superados, porém, a escola precisa avançar, corresponder e acompanhar o progresso educacional, social e tecnológico para, na verdade, oferecer uma educação qualificada.

### **DESENVOLVIMENTO - SURGIMENTO DAS TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS**



As mudanças foram impulsionadas por um momento único causado por um problema de saúde sem precedentes, pelo menos neste século, somado ao desenvolvimento da indústria 4.0 e à visão da organização 5.0 e da educação 5.0. Nunca se falou tanto em mudanças na forma como fazemos educação. Claramente há uma sensação de diversidade com a transição de uma forma de conhecimento para outra, principalmente na educação, para o uso de funções revolucionárias chamadas de interfaces digitais e para a necessidade de entender a educação na integração dos espaços físicos, virtuais e digitais. É importante entender que, muito antes de chegarmos a esse patamar, as novas tecnologias já causam impacto na sociedade com o advento da internet. (KNUPPEL, 2021).

Desde o conceito de uma rede global informatizada e viável, muitos estudiosos têm se debruçado sobre o tema para entender como a sociedade responde a essas novas abordagens. A sociedade da informação, a rede e outros tipos de 5.0 sociais são importantes teorias que analisam a interação e viabilidade das interações humano – profissionais. As percepções e o desenvolvimento do público mudam à medida que novas tecnologias e outras formas de colaboração surge e moldam os ensinamentos existentes e sempre foi assim. Em várias fases da história ocorreram mudanças na relação entre o homem e a tecnologia. (KNUPPEL, 2021).

Todos os tópicos da sociedade moderna são cobertos com uma grande quantidade de informações: as eleições já foram descritas com sua influência e o curso da pandemia está sendo constantemente atualizado com a forma de como as notícias são indicadores que estão sendo divulgados e compartilhados. Claramente, a mudança se estende a outras áreas, incluindo a educação, saúde, política e mudança social. (KENSKI, 2021).

É precisamente a transformação e o impacto das TICs na sociedade, impulsionado pelo co-



mércio global, que levou muitos autores a distinguirem entre a sociedade da informação e a sociedade do conhecimento. As diferenças entre a sociedade da informação e a sociedade do conhecimento existem, mas também é verdade que a existência de algo é uma parte interna porque sociedade, conhecimento e informação são conceitos, ideias e pressupostos que unem e constroem e de alguma forma, concedem o novo modelo de desenvolvimento econômico. (KENSKI, 2021).

Segundo Araújo et. al., (2017), o termo tecnologia é amplo, não apenas em máquinas avançadas, mas também, “abrangendo a essência do engenho humano, seus tipos de aplicações e suas aplicações”, muitas vezes com a finalidade de gerenciar e reduzindo o tempo das atividades realizadas, ou ainda, “superando barreiras naturais, gerando lucro, isolando outros seres irracionais”, como resultado, levando a muitas melhorias, como autodesenvolvimento, pensamento crítico, matemática, leitura e muitos outros desenvolvimentos progressivos ao longo dos anos (ARAÚJO ET AL, 2017).

Segundo Ramos (2012),

a palavra tecnologia vem da palavra grega “tekne” e significa “arte, arte ou arte [...] necessidades feitas. requisitos. Segundo o autor, também pode ser considerado “um conjunto de estratégias, métodos e procedimentos pertinentes à ciência, ao artesanato ou à indústria”. (U-RAMOS, 2012)

Segundo Altoé e Silva (2005), no campo da educação, a tecnologia começou a se desenvolver por volta de 1940 nos Estados Unidos, com foco militar na Segunda Guerra Mundial e equipamentos de áudio. Essas ferramentas foram procuradas por um complemento escolar “na Universidade de Indiana, 1946” e são as causas emergentes de evolução, pesquisa e inclusão até hoje.

Por volta de 1960, a mídia se difundiu e ganhou destaque mundial, e foi nessa época que ocorreu a “revolução eletrônica”, ou seja, o desenvolvimento do rádio e da televisão, que antecedeu essa mudança, no Canadá e nos Estados Unidos. E por volta da década de 1970, a tecnologia está

evoluindo e surgindo, envolta na informática, que já está sendo pesquisada e associada à finalidade do ensino. (ALTOÉ E SILVA, 2005)

Tal suposição da tecnologia educacional revelou falta de apropriação, confusão profissional e falta de aplicação desse campo de conhecimento. Textos sobre a origem histórica da introdução do computador na vida humana revelam elementos conflitantes para compreender sua inserção na escola, suas limitações atestadas por preocupações técnico-administrativas e econômico-determinísticas. (CONTE E MARTINI, 2015)

No Brasil, a tecnologia voltada para a educação foi introduzida por volta de 1939, vinculada à educação a distância promovida pelo “Instituto Rádio-Monitor” e pelo “Instituto Universal Brasileiro”, cuja principal prova era transmitir informações por meio de ondas de rádio. O “Movimento de Educação de Base (MEB)” adotou o conceito de ondas de rádio e se propôs a ensinar “jovens e adultos a ler e escrever sobre escolas de rádio, especialmente nas regiões norte e nordeste” do país (KNUPPEL, 2021).

Outra característica marcante do ensino tecnológico no Brasil foi o “projeto Minerva”, desenvolvido pela rádio MEC como método de teste, visando “usar o satélite doméstico, usar o rádio e a televisão como meio de transmissão”, para fins educacionais, buscando uma segunda via, que colocava em primeiro plano a formação de professores e outra que buscava levar o conhecimento para as “três primeiras séries do ensino fundamental”, encerrada em 1976. (ALTOÉ E SILVA, 2005).

O processo de aprendizagem atualmente contém uma variedade de tecnologias, principalmente as digitais, que acabam por colher informações e comunicações relacionadas aos processos lúdicos, audiovisuais, literários, musicais, entre outros. Segundo Otto (2016), “televisão, vídeo, computador, internet, remodelam a educação” e isso também agrega ao sistema educacional bilíngue,

professores e alunos. (OTTO, 2016).

Segundo Ramos (2012), a tecnologia disponível “dentro da sala de aula” varia, desde “simples, como giz, a mais avançada, como Datashow” e atualmente tablets e computadores limítrofes. Desta forma, a “tecnologia educativa” pretende conhecer mais de perto as estratégias, materiais e métodos que beneficiam dos meios digitais, criando um elo de apoio aos professores, que, quando utilizados de forma adequada, contribuem significativamente para o desenvolvimento educativo, aprendizagem e aprendizagem. uma forma criativa de resolver problemas. (U-RAMOS, 2012)

A forma como a educação se relaciona com os fatos técnicos é um fenômeno relativamente recente no ambiente escolar, algo que vem se adaptando às mudanças globais e é fundamental para o progresso do réu na formação de professores e sua capacidade de aprimorar o “processo ensino-aprendizagem”.(KENSKI, 2021).

Dessa forma, a Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), que está disponível nos prédios escolares e nas salas de aula, entendidas como dispositivos eletrônicos, computadores e até mesmo celulares, precisa de orientação e supervisão claras dos professores, para que seu uso seja direcionado ao aprendizado e ao resultado. (RAMOS, 2012). A TV é outra ferramenta de tecnologia de base escolar, que vem sendo amplamente distribuída, trazendo benefícios para professores e alunos. Desta forma é possível reproduzir um filme, documentário e até uma aula poderosa, com imagens, sons e muito mais. (RAMOS, 2012).

Segundo Segantini (2014), “ferramentas tecnológicas como tablets, lousas interativas e aplicativos estão mudando o estado da educação em nosso país” e vêm implementando medidas diagnósticas eficazes, como a “alfabetização digital”, que, por sua vez, acelera e melhorar muitos processos na escola. Outras mudanças a serem feitas se aplicam aos laboratórios de informática das escolas,





que agora estão diretamente conectados à internet, acelerando assim novas pesquisas e novas áreas de aprendizagem.

Dessa forma, ainda temos que entender as mudanças associadas ao “sistema pedagógico”, que, mesmo diante de certos obstáculos, busca continuamente realizar “atividades online alinhadas às atividades presenciais”. (SEGANTINI, 2014). Atualmente, de acordo com Otto (2016), a maioria das escolas no Brasil, sejam municipais, regionais ou privadas, tem acesso à tecnologia, seja por meio de um laboratório de informática, seja pelo próprio celular, o que é difundido em quase todas as escolas. , ‘o que é muito comum antes de seu acesso, “TV, vídeo, celular”. Otto (2016) entende que “os computadores (hardware) estão cada vez mais poderosos que permitem o surgimento de ferramentas (software) de apoio ao processo ensino-aprendizagem”.

Entendendo que as tecnologias já estão incorporadas ao cotidiano, elas precisam ser adaptadas aos seus destinatários, buscando assim mostrar que “a educação tem um significado profundo”, e que a sociedade como um todo é marcada pela “diversidade linguística, em busca da tecnologia”, tudo em evolução e “nível de educação” para que os assuntos discutidos em sala de aula estejam relacionados ao cotidiano do indivíduo (OTTO, 2016).

Segundo Araújo (2017), a tecnologia não visa apenas as máquinas avançadas, mas também inclui “a essência do cérebro humano em todos os momentos, seus usos e usos”, muitas vezes com o objetivo de gerenciar e reduzir o tempo, até mesmo superando barreiras naturais. , criando benefícios e isolando-se de outras criaturas irracionais”, levando a muitos avanços, como a escrita de si, o pensamento crítico, a matemática, a leitura e muitos outros desenvolvimentos progressivos ao longo dos anos (ARAÚJO et al., 2017).

Segundo Ramos (2012), a palavra tecnologia é derivada da palavra grega “tekne, que signi-

fica” arte, tecnologia ou arte

[...]. A palavra *logos* significa “coleta de informações” e, portanto, é derivada do conhecimento e da experiência. Afeta a capacidade de criar e transformar um ambiente específico e atender às necessidades das pessoas. Segundo o autor, também pode ser considerado como um conjunto específico de tecnologias, métodos e processos em ciência, tecnologia ou indústria.

Conforme explicam Altoé e Silva (2005), no campo da educação, a tecnologia começou a se desenvolver nos Estados Unidos por volta de 1940, levando em conta os objetivos militares da Segunda Guerra Mundial e as ferramentas de áudio. Essas ferramentas foram auxiliadas pela escola “Indiana University” em 1946 e são o resultado de contínua evolução, pesquisa e incorporação até hoje. A “revolução eletrônica”, o desenvolvimento do rádio e da televisão, é pioneira dessa mudança, no Canadá e nos Estados Unidos. Por volta da década de 1970, a tecnologia continuou a evoluir, de modo que as pessoas envolvidas com a tecnologia da informação eram pesquisadas e relacionadas aos objetivos educacionais (ALTOÉ E SILVA, 2005).

Tal suposição da tecnologia educacional revelou falta de apropriação, confusão profissional e falta de aplicação desse campo de conhecimento. Textos sobre a origem histórica da introdução do computador na vida humana revelam fatores contraditórios para compreender sua inserção na escola, cujas limitações são evidenciadas por preocupações técnico-administrativas e econômico-determinísticas (CONTE E MARTINI, 2015).

No âmbito nacional, a tecnologia educacional especializada, introduzida por volta de 1939, estava vinculada ao ensino fundamental promovido pelo “Instituto Rádio-Monitor” e “Instituto Universal Brasileiro”, sendo a primeira experiência a transmissão de informações por meio de ondas de rádio. O Movimento da Educação Básica (MEB) utiliza esse conceito de ondas de rádio e se propõe a educar jovens e adultos sobre as escolas de rádio, principalmente nas regiões Norte e Nordeste do



país.

Outro destaque do ensino técnico no Brasil foi o “projeto Minerva”, desenvolvido pela rádio MEC como teste, visando “usar o satélite doméstico, usar o rádio e a televisão como meio de transmissão”, para fins educacionais, voltado para fase de formação, uma voltada para a formação de professores e a outra destinada a trazer conhecimentos semelhantes às três primeiras séries do ensino fundamental, concluídas em 1976 (ALTOÉ E SILVA, 2005).

## **TECNOLOGIA EM SALAS DE AULA**

O processo de aprendizagem atualmente é constituído por formas tecnológicas, especialmente a tecnologia digital, que, em última análise, estão associadas à informação e comunicação relacionadas ao entretenimento, processo áudio e visual, texto e música. Segundo Otto (2016), “televisão, vídeo, computador, internet, educação reduzida” e agrega no processo de aprendizagem para ambas as partes, professores e alunos.

Segundo Ramos (2012), a tecnologia disponível na “sala de aula” varia, desde “simples, como giz, a avançada, como Dashashow” e, no momento, está além da fronteira para tablets e computadores. Desta forma, a “tecnologia educacional” visa compreender as estratégias, artes e abordagens que se beneficiam das mídias digitais, para criar um elo de apoio ao professor, que, quando utilizado de forma adequada, contribui significativamente para a educação, aprendizagem e criatividade, também como forma de resolver problemas (Ramos, 2012).

[...] A tecnologia é mais poderosa quando usada com métodos de ensino no ensino, que enfatiza mais a resolução de problemas, o desenvolvimento cognitivo e o pensamento crítico do que a aquisição de informações factuais. [...] A tecnologia não é a solução para a mudança na educação, mas pode ser um importante catalisador para a mudança e uma ferramenta para apoiar as



dúvidas, estrutura, colaboração e comunicação dos alunos. [...] O professor, [...] deve estar com seus alunos como aluno, e levar seus alunos a construir e desenvolver seus conhecimentos [...] (DINIZ, 2001).

A forma como a educação está ligada aos fatos tecnológicos é um fenômeno recente no ambiente escolar, algo que tem evoluído em consonância com as mudanças globais e muitos fundamentos controversos desenvolvidos na formação de professores e como eles podem melhorar o “ensino-aprendizagem e o processo “. Portanto, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), que estão disponíveis nos prédios escolares e nas salas de aula, entendidas como dispositivos eletrônicos, computadores e até mesmo celulares, precisam de orientação e supervisão claras dos professores, para que seu uso se destine a um uso eficiente, resultados positivos (RAMOS, 2012)

Na realidade atual, segundo (2016), a maioria das escolas brasileiras, sejam municipais, regionais ou privadas, tem acesso à tecnologia, por meio de um laboratório de informática ou do próprio celular, que é distribuído publicamente para quase todas as escolas, na maioria das vezes pelo acesso para TVs, vídeos, telefones celulares.

O autor entende que “os computadores (hardware) são muito poderosos, permitindo o surgimento de ferramentas (software) de apoio ao processo de ensino-aprendizagem”. Entender que as tecnologias já estão incorporadas ao cotidiano exige a preparação dos destinatários, precisando, portanto, mostrar que “a educação tem valores profundos”, e que a sociedade como um todo se destaca pela “diversidade linguística, na busca em tecnologia”, tudo em consonância com o desenvolvimento e a melhoria da qualidade da educação, para que os assuntos discutidos em sala de aula estejam vinculados ao essencial do cotidiano (OTTO, 2016).

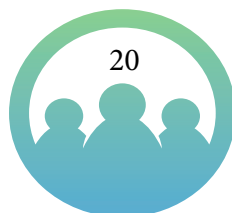


## **TECNOLOGIA, EDUCAÇÃO E PANDEMIA**

No ano de 2020, no final de fevereiro e início de março, o mundo começou a sentir a ameaça infecciosa do Coronavírus, também conhecido como COVID/19. especialmente em muitos casos que levam à morte, mesmo o resfriado comum, o Coronavírus é altamente contagioso, pelo toque, aperto de mão ou contato com pessoas infectadas. A doença criou um novo sistema com procedimentos de classe mundial, confinamento solitário, domicílio, vários fatores de risco listados, incluindo qualquer escola, área de recreação e componentes não essenciais das salas de aula humanas (SANTOS, 2020).

Com a introdução dessas mudanças, o cotidiano mudou e muitos alunos e professores estão em casa. Allan (2020) entende que com o sucesso da COVID, “muitas escolas e universidades estão começando a rever seus métodos de ensino” e a tecnologia se tornou prioridade. Como tudo aconteceu tão rápido, não houve flexibilidade, mas compulsão em termos de aulas e atividades, o que acontecia presencialmente e agora só acontece quase, uma grande mudança nos “milhares de professores e milhões de alunos”, que precisavam. para “descobrir novas formas de ensinar e aprender” (ALLAN, 2020).

Mesmo em um mundo de crescentes avanços tecnológicos, onde as gerações atuais estão mais conectadas e mais acostumadas a utilizar os processos tecnológicos, a transição dos tempos presenciais para o ensino superior é difícil e limitada por professores e alunos. Siqueira (2020) cria um pensamento profundo, pois “a tecnologia proporciona novas formas de aprender e ensinar, com diversos recursos didáticos que ampliam o acesso à informação, algo que ele nunca havia usado pessoalmente antes”, desta forma, a tecnologia permite a comunicação à distância entre as pessoas , aproximando-as.



## **ENSINO À DISTÂNCIA – EAD**

Lopes et ai. (2007) explicam que

O ensino a distância não é novidade, é algo que evoluiu com as tecnologias existentes em cada época e suas fontes de informação por volta do século XVIII, “quando os cursos por correspondência eram oferecidos no centro de Boston (EUA)”, tornando a prática difundida. século XIX, “na Europa, [...] Suécia, Reino Unido e Espanha”. Na virada do século 20, a ideia se espalha, assim como a correspondência para “países como Austrália, Alemanha, Noruega, Canadá, França e África do Sul”, tanto que no mesmo século, com constante adesão ao princípio da correspondência, distância. a educação foi considerada e reconhecida como um “método de ensino” (LOPES et al, 2007).

Até recentemente, como os principais cursos de ensino fundamental eram destinados a alunos de graduação e pós-graduação, embora com a chegada trágica da epidemia global em 2020, todo o sistema de rede escolar privada e pública teve que ser paralisado, de forma presencial. -face, remorso e gratificação instantânea, mas desta forma, com a ajuda da tecnologia e da internet, a aprendizagem tornou-se a base para a continuidade do processo de ensino e aprendizagem (BALDEZ, 2020).

Conforme aponta Castro (2020), em reportagem do G1 Notícias, nesse período de transição, quem teve maior dificuldade adaptada foram “alunos do ensino fundamental e médio”, além dos professores, como forma de exclusão. trouxe à tona rapidamente as condições que envolviam o ensino à distância, afetando assim “cerca de 480 mil alunos da rede social e mais de 170 mil da rede privada”. O ensino de grau era uma forma acessível de manter parte de sua agenda, pois professores e alunos tinham que aprender a ficar longe e usar a tecnologia disponível para proporcionar esse tempo (CASTRO, 2020).

Pensar na união entre tecnologia, ensino, meio ambiente e pessoas é essencial para o desen-





volvimento da educação em todas as partes do mundo. Afinal, hábitos de ensino que ignoram essa relação falharão, principalmente se for voltado para uma nova geração de aprendizado de pequenas impressões digitais altamente conectadas, usando a tecnologia móvel para acessar a internet e as mídias sociais e informações que eles existem (KNUPPEL, 2021).

Agora, vivendo em uma sociedade tão conectada, com a oportunidade de acessar a Internet e as mídias sociais para obter mais informações do que qualquer biblioteca do mundo (contrariando o sonho de Ptolomeu I e da Biblioteca de Alexandria) onde essas oportunidades tecnológicas estão nas escolas e universidades?

Os anos de 2020 e 2021 trouxeram desafios imensuráveis para a educação. Com escolas e universidades fechadas, as atividades de ensino tornaram-se mais complexas e, às vezes, ainda mais difíceis, como aquelas relacionadas ao acesso à Internet, à falta de interação professor-aluno com o ambiente de aprendizagem e, entre outras coisas, ao aumento da desigualdade. Mas, ao mesmo tempo, surgiram oportunidades através do uso de métodos de ensino flexíveis. (KNUPPEL, 2021).

Há especulações, que continuarão, sobre o futuro da educação, à medida que mais estratégias são usadas para refletir e redefinir os processos educacionais em consonância com as realidades e necessidades sociais relacionadas à alta comunicação e colaboração digital. Mais uma vez a pergunta: qual é o papel da educação nesta sociedade altamente conectada? Esta é uma questão em aberto, com muitas interpretações e muitos argumentos e argumentos.

É preciso pensar além da pedagogia prática, que traz processos e métodos práticos, que são importantes, mas gradativamente se associam a processos mais relacionados a esse período, como, por exemplo, o conceito de ação interligada protegido por Di Feiice (2017). A partir desse fundamento, percebe-se que, nas relações educativas, a tecnologia é apenas um ser humano, uma força natural,



um ecossistema que facilita a comunicação humana e a cultura digital em rede. (KENSKI, 2021).

Isso porque a tecnologia por si só não reflete processos de ensino e aprendizagem, mas está relacionada a processos, processos de ensino flexíveis e inteligentes, como oportunidades de repensar currículo, conteúdo, currículo e currículo. Os aspectos técnicos precisam estar vinculados à ação acadêmica e promover conexões sociais e políticas.

Essas ideias nos incentivam a repensar os processos de ensino e aprendizagem na criação da Onlife Educação Digital, como um novo conceito protegido por Moreira e Schlemmer (2020). Dessa forma, o Ensino a Distância, o Ensino Fundamental, o Ensino pela Internet, entre outras oportunidades, beneficiam a educação digital. No entanto, na educação digital onlife, o processo de pensar os processos educativos visa conectar ações que criem uma rede entre atores humanos e não humanos, que pode, por exemplo, ser uma educação híbrida (não apenas método), a partir de uma perspectiva da teoria da comunicação (KNUPPEL, 2021).

O relatório de 2020 da Horizon já destaca a importância de aprender o ecossistema em que o virtual e seus engenheiros associados:

[...] cria uma mudança na forma como as instituições projetam seus ambientes de aprendizagem para alunos e professores. As instituições buscam cada vez mais o suporte de padrões abertos no uso da tecnologia educacional, que permita às instituições levar conhecimento de leitura flexível a mais alunos, ao mesmo tempo e em harmonia. As habilidades oferecidas por essas instalações podem dar aos alunos e professores a oportunidade de ‘pensar fora da caixa’ e repensar seus métodos educacionais (HORIZON REPORT, 2020, p. 9).

Esses relatórios enfatizam que, diante dos desafios sociais, econômicos e educacionais, as pessoas precisam e precisarão de oportunidades de aprendizagem a qualquer momento e a qualquer momento, por meio de métodos de ensino inovadores, diferenciados, integradores e interativos e destacam a urgência do progresso em aprendendo, colaborativamente. aprendizagem, entre outras coisas,



de acordo com o novo currículo. (KENSKI, 2021).

O hibridismo no campo da educação digital proporciona aos alunos, que já utilizam plataformas de tecnologia e comunicação em ambientes informais, uma maior participação em ambientes colaborativos de aprendizagem. Assim, em atividades paralelas ou em encontros presenciais, integram e expandem projetos de aprendizagem específicos, aproveitando as colaborações internacionais e digitais de engenharia espacial, através da integração de tecnologias analógicas e digitais, permitindo em muitos casos uma aprendizagem multicultural. (KENSKI, 2021).

Nesses casos, a educação integrada nunca foi tão sensata como agora. Em outubro de 2020, foi lançada a Associação Nacional da Educação Básica Híbrida (ANEBHI}, com o objetivo de contribuir para a divulgação dessa estratégia educacional e trabalhar cada vez mais na formação de professores. digital, que vai além do uso e distribuição da tecnologia digital, como esta invenção sugere o processo de integração, interação com pessoas, diferentes organizações, incluindo DT e redes sensíveis, possibilitando mudar radicalmente a forma de pensar e aprender, resultando em sua transformação (KNUPPEL, 2021).

### **PLATAFORMAS E TECNOLOGIA UTILIZADAS**

Com a premência, em conexão com o período crítico da epidemia, escolas, professores e alunos precisam se acostumar com novas formas de ensino-aprendizagem, vinculadas aos métodos de aprendizagem das séries e tecnologias disponíveis. Em seguida, “o governo federal decidiu que as instituições de ensino deveriam ser isentas do número mínimo de dias letivos, mas que deveria haver um número mínimo de horas exigidas para completar o ano letivo” e como resultado, segundo



Oliveira (2020), tais métodos. “Aulas pela TV e internet, já corriqueiras nas redes privadas de ensino”, terminaram em rodízio, por conta da situação temporária, ganhando tempo, voz e câmera nas redes municipais e estaduais.

Plataformas conectadas a redes sociais como facebook, instagram e WhatsApp também têm um papel importante na tecnologia, pois é possível fazer videochamadas, editar dados e ensinar virtualmente. (OLIVEIRA, 2020). Segundo a presidente do Consed, Cecilia Motta, em entrevista, ela analisa:

Não há substituto para um professor para um aluno na sala de aula. [...] Não há dúvida de que haverá uma perda de aprendizado, em relação ao tempo normal, sem a epidemia, [...] mas com todos os nossos esforços, estamos falando de um momento único e vamos fazer o nosso melhor. A tecnologia veio para ficar, não para ficar atrás [dessa epidemia], mas para ser um complemento, de fato, na transformação do pós-vida (OLIVEIRA, 2020).

Na pesquisa sobre esse tema, é possível perceber que cada país, assim como cada escola, usava sua própria forma de manter viva ou transmitir informações enquanto crianças e jovens. A plataforma Zoom Meetings é uma das tecnologias EAD em uso, este fórum tem como objetivo criar uma sala visual, criada pelo administrador que pode enviar convites aos participantes e fazer a transferência de informações, gravadas ou não, casos realizados, conteúdos escolares (ALVES, 2020).

Outros fóruns, segundo Allan (2020), que seguem a mesma seção de salas de aula/conferências, são fóruns abertos para “Microsoft Office 365, Google Classroom, Trello e outros softwares” para que alunos e professores possam se comunicar, mesmo em ensino remoto e upload e download de arquivos, gravações, vídeos ou áudios, criação de grupos, pesquisas, produção de jogos e muitas outras atividades que permitirão a criação de novos formatos de ensino e aprendizagem online” (ALLAN, 2020).



Outra opção é o Hangouts Meet, que faz parte do “G-Suit for Education by Google”, que permite fazer chamadas de áudio, videoconferências e disponibilizar seu computador. Outro aplicativo que será utilizado é o Skype, que também permite chamadas ao vivo, com áudio e imagens, além de proporcionar conversas, que podem ser utilizadas por grupos, transmissões e guias (TERRA, 2020).

Além disso, outro aspecto importante das formas digitais, muitas vezes utilizadas com conteúdos que envolvem as mídias sociais, é crítica e analítica, a fim de propiciar o debate e “aumentar a compreensão da literatura desses gêneros e proporcionar maior compreensão” (BNCC, 2017).

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com este trabalho, foi possível compreender o uso da tecnologia no ensino e aprendizagem e como essa tecnologia é benéfica neste momento de epidemia e isolamento social. Se você está lidando com essa tecnologia, é possível encontrar recursos técnicos e ferramentas que auxiliam no processo de ensino, mesmo que você esteja longe, os professores estão buscando formas de inovar, para que os alunos compreendam assuntos muito diferentes.

Uma das ferramentas de ensino exploradas nesse sentido. Essa ferramenta oferece aos alunos formas de aprender em qualquer lugar, pois a ferramenta é um áudio online, de fácil download, e seu uso é fácil e muitas vezes gratuito. A forma material é transmitida na forma de episódios, como a novela, mas apenas pelo som. Outra coisa importante sobre essa ferramenta educacional conhecida como material é que os próprios alunos poderão fornecer o conteúdo, por exemplo, o professor facilita a pesquisa sobre um determinado assunto e os alunos irão criar um texto e gravação do assunto pesquisado. , essa é uma das formas de desenvolver o conhecimento e a curiosidade dos alunos.

Ao final, o material se mostrou uma ferramenta muito útil no processo de ensino e aprendi-



zagem, tornando-se assim o meio digital emergente mais poderoso no ambiente escolar. O trabalho foi baseado em pesquisa bibliográfica e de qualidade, resultados de busca de autores nos meios educacionais e sites relacionados ao tema em discussão, permitindo assim futuras pesquisas sobre materiais e seu desenvolvimento no ambiente escolar, principalmente no período escolar em meio à pandemia, e todas as mudanças que precisavam ser feitas, imediatamente no contexto da escola, para professores e alunos.

## **REFERÊNCIAS**

ALLAN, L. (2020) Como a tecnologia pode ajudar nossas escolas a vencer o Coronavírus? Revista Exame. Recuperado de <<https://exame.com/blog/crescer-em-rede/como-a-tecnologia-pode-ajudar-nossas-escolas-a-vencer-o-coronavirus/>>.

ALTOÉ, A. & SILVA, H. (2005). O desenvolvimento histórico das novas tecnologias e seu emprego na educação. Educação e Novas tecnologias. Maringá: Eduem, 13-25.

ALVES, P. (2020). Zoom Meetings: como funciona o site para videoconferência. TechTudo. Recuperado de <[techtudo.com.br/noticias/2020/01/zoom-meetings-como-funciona-o-site-para-videoconferencia.ghml](https://techtudo.com.br/noticias/2020/01/zoom-meetings-como-funciona-o-site-para-videoconferencia.ghml)>.

BALDEZ, C. (2020). Pandemia expõe impasses da educação a distância. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Retirado de <<https://ufrj.br/noticia/2020/05/13/pandemia-expoe-impasses-da-educacao-distancia>>.

BRASIL. (2018). Base Nacional Comum Curricular. Ministério da Educação, Brasília.

BRASIL. (2017). Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Base nacional comum cur-





ricular. Brasília, DF, 2017. Retirado de < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-dabncc>>.

CASTRO, M. (2020). Educação a distância em tempos de pandemia; veja relato de estudantes e professores do DF. G1 Notícias. Retirado de < <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/04/15/educacao-a-distancia-em-tempos-de-pandemia-veja-relato-de-estudantes-e-professores-do-df.gh.html>>.

CONTE, E. & MARTINI, R. M. F. (2015). As Tecnologias na Educação: uma questão somente técnica? *Educação e Realidade*, 40, 1191-1207.

COSTA, K. & FARIA, G. G. (2008). EAD – Sua Origem Histórica, Evolução E Atualidade Brasileira Face Ao Paradigma Da Educação Presencial. Congresso FaE/UFMG. Retirado de < <http://www.abed.org.br/congresso2008/tc/552008104927AM.pdf>>.

DINIZ, S. (2001). O uso das novas tecnologias em sala de aula (Dissertação de pós-graduação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. (2004). Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Gêneros orais e escritos na escola. [Tradução e organização: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro]. Mercado de Letras.

FREIRE, E. P. A. (2013). Aplicações escolares do Podcast. In Congresso Nacional de Ambientes Hipermedia para Aprendizagem (CONAHPA) (Vol. 6).

FURTADO, J. C. F. (2008). Aprendizagem significativa: modalidades de aprendizagem e o papel do professor. Porto Alegre: Mediação.

KENSKI, Vânia Moreira. Sociedade Tecnológica: Tecnologia Digital da Informação e Comunicação (TDIC), E-book, 2021.



LOPES, M. C. L. P; et al. (2007). O Processo Histórico Da Educação A Distância E Suas Implicações: Desafios E Possibilidades. UNICAMP. Retirado de < [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/jornada/jornada7/\\_GT1%20PDF/O%20PROCESSO%20HIST%20D3RICO%20DA%20EDUCA%C7%C3O%20A%20DIST%C2NCIA%20E%20SUAS%20IMPLICA%C7%D5ES.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7/_GT1%20PDF/O%20PROCESSO%20HIST%20D3RICO%20DA%20EDUCA%C7%C3O%20A%20DIST%C2NCIA%20E%20SUAS%20IMPLICA%C7%D5ES.pdf)>.

MATHEUS, S. soluções. Ensino A Distância (Ead) No Brasil: Como Surgiu? (2020). Matheus Soluções – Sistemas De Gestão Escolar. Retirado de < <https://matheussolucoes.com/ensino-a-distancia-ead-no-brasil-como-surgiu/>>.

KNUPPEL, Maria Aparecida Crissi; JÚNIOR, Luiz Carlos Knuppel. Sociedade Tecnológica:Diálogos, cruzamentos e entrecruzamentos.UNEB – Universidade do Estado da Bahia, E-book, 2021.

OLIVEIRA, E. (2020). Estados adotam plataformas online e aulas na TV aberta para levar conteúdo a estudantes em meio à pandemia de Coronavírus. G1 notícias. Retirado de <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/04/09/estados-adotam-plataformas-online-e-aulas-na-tv-aberta-para-levar-conteudo-a-estudantes-em-meio-a-pandemia-de-coronavirus.ghtml>>.

OTTO, P. A. (2016). A Importância Do Uso Das Tecnologias Nas Salas De Aula Nas Series Iniciais Do Ensino Fundamental I (Trabalho de conclusão de curso – Pós-graduação- Educação na Cultura Digital). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

RAMOS, M. R. V. (2012). O Uso De Tecnologias Em Sala De Aula. Revista Eletrônica LENPES-PI-BID de Ciências Sociais da UEL, 1, Nº 2.

RELATÓRIO DA HORIZON. HORIZON REPORT, 2020

SANTOS, V. S. (2020). Coronavírus: a família de vírus que causou a pandemia de COVID-19. Brasil Escola. Retirado de <https://brasile scola.uol.com.br/doencas/coronavirus.htm>.

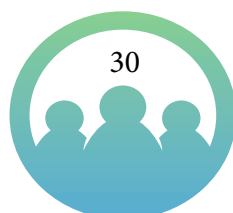


SEGANTINI, J. H. (2014). O Uso Das Tecnologias Na Sala De Aula, Como Ferramenta Pedagógica E Seus Reflexos No Campo (Monografia – Especialização em Educação). Universidade Federal do Paraná, Foz do Iguaçu.

SILVA, A. C.; ET AL. (2015). O material como objeto de Aprendizagem - Interações em sala de aula: Um estudo de caso. Nuevas Ideas en Informática Educativa TISE. Retirado de <<http://www.tise.cl/volumen11/TISE2015/672-677.pdf>>.

SIQUEIRA, C. (2020). Tecnologia assume papel ainda mais importante na educação durante a pandemia. Iforchannel. Retirado de <<https://inforchannel.com.br/tecnologia-assume-papel-ainda-mais-importante-na-educacao-durante-a-pandemia/>>.

----- (2020). Ferramentas digitais auxiliam professores nas aulas à distância. Web Terra. Retirado de <<https://webterra.com.br/2020/04/09/ferramentas-digitais-auxiliam-professores-nas-aulas-a-distancia-veja-dicas/>>.



A vibrant, stylized illustration of a diverse crowd of people. The characters are depicted from the chest up, wearing various colorful clothing and accessories like sunglasses and beards. The background is a mix of solid colors and patterns, creating a lively and inclusive atmosphere.

# Capítulo 2

O UNIVERSO DAS INFÂNCIAS QUEERS NO ESPAÇO

ESCOLAR

# O UNIVERSO DAS INFÂNCIAS QUEERS NO ESPAÇO ESCOLAR

## THE UNIVERSE OF QUEER CHILDREN IN THE SCHOOL SPACE

Ana Paula Bezerra de Farias<sup>1</sup>

Paulo Bezerra de Farias Filho<sup>2</sup>

Jusseney Ferreira Rodrigues<sup>3</sup>

**Resumo:** As manifestações sexuais e de gênero observadas no espaço escolar ainda são trabalhadas de forma superficial por parte de alguns professores e que as contribuições de Berenice Bento sobre o gênero e a sexualidade assim como Guacira Lopes Louro têm trazido para a Educação no tocante da sexualidade não estão sendo tão discutidas no âmbito escolar. Sob essa égide, a sociedade humana mantém-se polarizada no sistema do binarismo (atribuições, comportamentos, práticas de menino X de meninas) excluindo e silenciando as minorias crescentes. E que ainda em pleno século XXI o trabalho pedagógico voltado para as questões de gênero, sexualidade e diversidade permanecem sendo reproduzidos de maneira reprimida calcado em muito preconceito e que os profissionais da educação não foram contemplados em sua graduação de disciplinas voltadas para Educação Sexual e, em virtude disso sentem-se com certo desconforto ao abordar tal temática pois os mesmos são frutos de um sistema sexista dominante e, assim sendo transpõe para sua vivência escolar tal postura demonstrando apatia e desrespeito para com as diferenças. Para que possamos mudar esse cenário propomos um trabalho voltado para que as crianças queers possam se identificar no espaço escolar de forma que se

---

1 Mestranda do Curso de Ciências da Educação da Veni Creator Christian University -FL

2 Mestrando do Curso de Ciências da Educação da Veni Creator Christian University -FL

3 Mestranda do Curso de Ciências da Educação da Veni Creator Christian University -FL



sintam pertencentes a esse espaço como sendo um lugar de construção do ser e a aceitação do outro em todas as suas particularidades, emoções, sentimentos, pois a partir do momento em que entendemos a escola como espaço de pertencimento e aceitação do ser enquanto construto histórico e social é garantir a criança e aos seus familiares um ambiente onde não exista restrições e silenciamentos, onde a criança possa de forma contundente não ser alvo de rejeição pelo simples fato de ter rompido com as barreiras dos tidos como “normais” mas que seja aceita e respeitada enquanto ser, por isso, este mesmo não sendo pioneiro na temática, mas visa ser mais uma possibilidade de entendimento da mesma procurando preencher algumas lacunas existentes entre a sexualidade infantil e o trabalho docente.

**Palavras chaves:** binarismo – Educação Sexual – criança queer

**Abstract:** The sexual and gender manifestations observed in the school space are still superficially worked by some teachers and that the contributions of Berenice Bento on gender and sexuality as well as Guacira Lopes Louro have brought to Education regarding sexuality are not being discussed in the school environment. Under this umbrella, human society remains polarized in the system of binarism (attributions, behaviors, boy-girl practices) excluding and silencing growing minorities. And that even in the 21st century, pedagogical work focused on gender, sexuality and diversity issues continues to be reproduced in a repressed way based on a lot of prejudice and that education professionals were not included in their graduation of disciplines focused on Sexual Education and, as a result, they feel uncomfortable when approaching such a theme, as they are the result of a dominant sexist system and, therefore, transposes such a posture to their school experience, demonstrating apathy and disrespect for differences. So that we can change this scenario, we propose a work aimed at queer children can identify themselves in the school space so that they feel belonging to this space as a place of construction of the being and the acceptance of the other in all its particularities, emotions, feelings, because from the moment we understand the school as a space of belonging and acceptance of being as a



historical and social construct, it is to guarantee the child and their families an environment where there are no restrictions and silences, where the child can forcefully not be the target of rejection for the simple fact of having broken with the barriers of those considered “normal” but that it is accepted and respected as a being, therefore, even though it is not a pioneer in the theme, it aims to be another possibility of understanding it. trying to fill some gaps between child sexuality and teaching work.

**Keywords:** binarism - Sex Education - queer child

## **Introdução**

Sendo a infância, analogicamente ligada à inocência é a partir de então que outras atribuições são dadas à primeira fase da vida humana. Visto que é nessa conjuntura de desenvolvimento que a criança passa por uma série de transformações na construção e descoberta do seu ser onde as mesmas acontecerão nos aspectos emocionais e físico. E lidar com tais alterações de desenvolvimento requer que tenhamos enquanto profissionais da educação um alicerce que nos guiará na desenvoltura de um processo de aprendizagem significativa partindo de uma prática pedagógica direcionada e aberta as diferenças. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’S (BRASIL, 1997) o ser humano inicia sua sexualidade desde seu nascimento através dos primeiros contatos com sua mãe e o acompanha até a velhice. Sendo assim, a sexualidade vai além da mera capacidade reprodutiva e não está estritamente ligada à busca pelo prazer da conjugação carnal. Por outro lado, tanto a sociedade quanto a cultura vão construindo padrões “aceitáveis” ao longo da história do que é ser “homem” e do que é ser “mulher” e qualquer forma que vá de encontro a tais padrões são tidos como “diferentes” e anormais”, ou seja fora do contexto.

A partir de então, inicia-se uma jornada que perpassa os tabus e preconceitos e chega mesmo a rejeição daqueles indivíduos que ultrapassaram as barreiras “normais” dos indivíduos “machos



(pênis) /homens” e “fêmea (vagina) /mulheres” que compõem a sociedade binária. Ao lidarmos com a sexualidade infantil sem nos aprofundarmos do tema é tão somente jogarmos para as nossas crianças nossos valores e crenças obtidos pelo convívio com os nossos familiares, assim estamos transpondo o que julgamos ser o certo e o errado para as nossas crianças sem nos preocuparmos em sabermos o que se passa com eles, ou seja, como se sentem, quais suas dúvidas, angústias, medos. Desta forma vamos atropelando essa fase importante da vida, a da descoberta do seu próprio corpo, do ser em formação pelo simples fato de que aprendemos que a sexualidade só pode ser vista como reprodutiva e só poderá ser aceita entre os sexos opostos. E, assim, estamos negando à criança a segurança das informações pelo simples fato de que ainda entendemos a sexualidade como algo feio e indecoroso.

Nesse sentido se faz necessário que pais e professores possam oferecer visões diferentes e enriquecedoras que estejam preparados para tais situações e não simplesmente inibam à criança ou que simplesmente lidem com o tema sexualidade como algo proibido prevenindo assim futuros problemas em relação à sexualidade das crianças, promovendo o amadurecimento sem traumas, preconceitos ou medos e fornecendo-lhes também uma base sólida para as futuras escolhas afetivas.

Portanto, o intuito deste artigo mesmo não sendo pioneiro no tema, mas vir a ser uma possibilidade de algumas reflexões sobre a sexualidade infantil, identidade de gênero e diversidade mundo infantil e ainda uma forma de entender o universo do ser em formação facilitando suas futuras escolhas afetivas de modo a corroborar com os leitores de posse de informações concisas e precisas acerca do tema em estudo.

### **Sexualidade infantil no ambiente escolar**

As manifestações sexuais e de gênero observadas na escola ainda são trabalhadas de maneira inapropriada, isso porque a maioria dos profissionais de educação ainda apresentam certa dificuldade em lidar com assunto em seu cotidiano. Em virtude dessa constatação se faz necessário que escola





promova um trabalho educativo voltado para tal temática e que atenda a todos/as sem restrições ou silenciamentos. Mediante isto Braga, psicóloga e autora de alguns livros sobre a sexualidade infantil afirma que:

A escola pode deixar de ser um espaço de opressão e repressão na questão da sexualidade. Para se tornar um ambiente efetivamente seguro, livre educativo para todas as pessoas. E, hoje, não é mais possível que as questões relativas à sexualidade passem despercebidas ou que sejam tratadas com deboche ou indignação moral. E os/as pedagogos/as têm uma importante ação nesse sentido (BRAGA, 2010, p. 280).

Maio (2011) Psicóloga e professora da Universidade Federal de Maringá reforça a ideia de que a educação sexual tem como função romper com as barreiras do silêncio e da hipocrisia tão enraizados na cultura social. Com tal afirmação compreendemos que as atribuições que são dadas a sexualidade e ao gênero são impostas tradicionalmente e culturalmente e existem há muitos séculos e que as mesmas seguem de maneira evidente na sociedade atual quer seja no ambiente familiar e escolar. Driblar tais barreiras implica em investir na inserção da temática sexualidade e gênero na formação de professores e que, o silêncio encontrado nesses profissionais seja rompido e que a sexualidade deixe de ser ocultada, uma vez que as crianças são proibidas de falar sobre suas inquietações, medos, alegrias, angústias como também de seus próprios corpos. Camargo, Dra. em Educação e autora de temas sobre formação de professores e práticas pedagógicas traz a importância dos currículos na formação docente quando comenta o seguinte:

Os currículos dos cursos de formação de professores e professoras deveriam conter falas e vivências sobre a sexualidade humana, despertando possibilidades do corpo e das emoções. Conhecer a sexualidade não significa aprender a estrutura dos genitais. Educação sexual centrada na genitalidade advém de

uma educação que disciplina, organiza e concentra o prazer nos genitais; assim procedendo, anestesia o resto do corpo (CAMARGO & RIBEIRO, 1999, p. 50).

A partir do trecho acima, Camargo afirma sobre a importância de ser proporcionar aos profissionais de educação uma formação voltada para a sexualidade, pois considera a sala de aula um laboratório de temas diversos com variados contextos e experiências vividas por cada aluno e aluna no interior da escola. Assim cabe aos profissionais de educação direcionar seus estudos para que haja uma ruptura tanto dos preconceitos quanto das discriminações acerca da sexualidade infantil tornando-se assim fundamentados da temática e prontos para encarar as crianças com sua curiosidade. De modo que eles precisam ter autenticidade, empatia e respeito para com a diversidade uma vez que a maioria das famílias estão falhando nesse aspecto cabe a escola preencher as lacunas de informações, possibilitando as discussões das emoções e valores erradicando assim os preconceitos arraigados na sociedade binária. É notório que a maioria das escolas ainda não preparam seus educadores para a demanda da sexualidade infantil assim, na falta dessa preparação quando os mesmos se deparam com tais situações cotidianas não sabem lidar, emudecem, bloqueiam em tais circunstâncias que um dos seus primeiros impulsos é repreender, gritar com as crianças. Diante disso, vemos na sexualidade infantil a possibilidade de trabalharmos com a subjetividade de cada criança, de modo que cada uma vai se desenvolvendo conforme suas vivências, companhias, ensinamentos e nas suas relações e interações com os outros e com o mundo que a cerca, para isso se faz necessário que o educador (a) tenha um posicionamento adequado, sem preconceito para lidar com esse tema.

### **Os espaços híbridos nas escolas: a oportunidade de ser e se fazer entender no espaço escolar**

No cotidiano escolar ainda percebemos em pleno século XXI que o trabalho pedagógico



voltado para as questões de gênero, sexualidade e diversidade ainda permanecem sendo reproduzidos de maneira reprimida calcado em muito preconceito que é velado ou não. Vimos ainda educadores ridicularizando as questões de gênero através de anedotas homofóbicas, machistas e sexistas dentro da sala de aula denotando assim a prevalência de que o heterossexismo continua sendo a lei. Comumente o tema sexualidade não é discutido em sala, na escola, pois é tido como da natureza de Deus. Assim, se faz necessário criar um espaço educativo-pedagógico com o exclusivo intuito de educar para emancipar tendo como principal objetivo compreender as diferenças e suas implicações na vida social.

Assim, trabalharmos com as múltiplas linguagens de meninos e meninas no cotidiano infantil requer pensarmos em ambientes que sejam híbridos, que se alteram e modificam-se formando-se outras possibilidades. Desta forma, os materiais destinados às brincadeiras infantis não precisam estar separados de forma imperativa como “brinquedos de meninos” e brinquedos para meninas” e sim, pensarmos em espaços que possuam elementos variados e que se relacionem entre si e que promovam ações em que as crianças possam agir e interagir sobre eles. De forma consoante, entendemos que parte de tais colocações fica demarcado o respeito aos diferentes gêneros, contemplando não apenas determinadas características biológicas, mas sim, sujeitos sociais, constituídos e pertencentes a uma cultura, gênero, identidade de gênero e diversidade.

Desta maneira, o espaço dedicado para as brincadeiras vai se constituindo em uma possibilidade de desconstrução de certas ideias que segregam as crianças impossibilitando-as de compartilhar dos diversos materiais, brinquedos, ou seja, de participar de diversas formas na arte do brincar e poder se expressar através da interação com o lúdico deixando transparecer suas emoções e sentimentos na convivência do “eu com eu” e do “eu com os outros”.



**Figura 01** Imagens Google. espaço pedagógico criativo. Meninos e meninas brincando

As brincadeiras por si só refletem no universo lúdico a experiência de cuidar dos outros, portanto, restringir e demarcar imperativamente que “bonecas são para meninas” estamos impedindo que os meninos explorem todas as suas potencialidades. Pois sabemos que a questão de gênero é construída ao longo da vida e que, antes dos dois anos a criança ainda não reconhece o que é ser “para menino” ou o que é “ser para menina” essa classificação só começa a ganhar notoriedade a partir do momento em que a sociedade começa a estabelecer o que é permitido para ambos. E é justamente a partir daí que as regras e normas vigentes na sociedade e que vão traçar os caminhos a serem percorridos por meninas e meninos vão sendo colocadas em prática e as crianças vão sendo imergidas nesse envoltório de segregação e limitações onde de acordo com o seu sexo biológico deverá se comportar ao longo de sua vida não sendo aceitável qualquer forma de transgressão.

Em razão disto, a revista Superinteressante, traz à tona o seguinte questionamento: Por que meninos não brincam de bonecas? Tendo em vista que a criança já nasce imersa em uma sociedade sexista e preconceituosa onde as normas de comportamento já estão impregnadas nas fendas conservadoras que não conseguem enxergar que os brinquedos e as brincadeiras não pertencem a um sexo ou gênero. Precisamos desmistificar tais imposições sociais e proporcionar às crianças a liberdade

para brincar com o que quiserem



**Figura 02 Revista [superinteressante.com.br](http://superinteressante.com.br) Por que meninos não brincam de bonecas?**

**Carrinho para eles e boneca para elas? Nada disso.**

**Por Giovana Marchetti - Publicado em 20 dez 2017**

O trabalho realizado na Educação Infantil referente e relacionado as diversidades se tornam primordiais para a qualidade do ensino, uma vez que as crianças possuem diferenças de temperamento, atitudes, credo religioso, gênero, etnia, características físicas, habilidades e de conhecimentos, por isso, deve-se criar situações de aprendizagem em que a questão da diversidade seja abordada nessas instituições.

Segundo os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil “para que seja incorporada pelas crianças, a atitude de aceitação do outro em suas diferenças e particularidades precisa estar presente nos atos e atitudes dos adultos com quem convivem na instituição” (BRASIL, 1998, p.41). Porém, questionamos sempre... O que é ser diferente? Em resposta a tal indagação precisamos estar atentos para com os nossos alunos divergentes, pois somos diferentes enquanto origens no que diz respeito as histórias de vida e que, não podemos de maneira alguma negar tais diferenças ou simplesmente não reconhece-las e silenciá-las pois os mesmos são seres concretos, sociais, culturais

e históricos. Desse modo, essa pluralidade cultural que nos chega no interior da escola precisar ser encarada como matéria-prima de uma aprendizagem significativa e de forma alguma deve ser tratada como apenas conteúdo de uma aula especial ou em momentos determinados em sala de aula. Em virtude disso, constatamos que um dos grandes desafios da educação em se tratando de sexualidade, gênero e diversidade na Educação Infantil está atrelado puramente na interação do processo de ensino e aprendizagem tendo como marco inicial a comunicação e a troca de experiências para que possamos eliminar certas práticas excludentes e discriminatórias tão presentes no contexto social.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil confirmam a proposta apresentada pelo Referencial Curricular e apontam que o trabalho pedagógico realizado dentro das instituições de Educação Infantil deve assegurar “a dignidade da criança como pessoa humana e a proteção contra qualquer forma de violência – física ou simbólica – e negligência” (BRASIL, 2010, p.21).

E, ainda mais que essas Diretrizes concebem a criança como “sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva” (BRASIL, 2010, p.12). Por isso, precisamos nos desvencilhar de algumas amarras e preconceitos tirando assim o respeito para com a diversidade do papel e pondo em prática incluindo no dia a dia escolar das instituições de ensino, principalmente na Educação Infantil, um ambiente adequado para a formação dos valores humanos dos seres em formação.

### **O queer na Educação Infantil**

Respaldados nos estudos de Guacira Lopes Louro (2011) entendemos que as normas - constituídas no âmbito histórico, cultural e social – e que giram em torno das feminilidades e masculinidades ditam certas regras que por sua vez vão delinear comportamentos, gestos, gostos e sentimentos pautados em uma concepção heteronormativa, quer dizer na imposição de que a heterossexualidade é tida como “norma” a ser seguida, destino “natural” ou seja, cada um já traz em sua essência. Essa



dualidade que é construída em torno dessa afirmativa poderá desencadear no confinamento e no descarte da possibilidade de percorrer ou não de se identificar com o preestabelecido para o seu corpo e com a genitália feminina ou masculina. Para tanto, iremos discorrer através dos estudos queers, considerados uma vertente bem importante do pensamento contemporâneo ocidental para ampliarmos nossa discussão.

Dessa forma, Athayde, estudiosa nas temáticas do gênero, sexualidade e estudos queer nos informa que:

As práticas que tentam colocar as crianças como não participantes sobre seus corpos e desejos, alegando que elas devem ser protegidas, na verdade, diz respeito a técnicas regulatórias que insistem em proteger não a infância, a inocência ou a criança, mas sim a heterossexualidade e a cisgeneridade (ATHAYDE, 2018, p. 339).

Em virtude dessa ideia defendida acima, Athayde (2018) nos afirma que além da norma voltada para a heteronormatividade existe também a possibilidade de se voltar para a cisgeneridade<sup>1</sup>.

Partindo desse pressuposto, a cisheteromatividade tem por finalidade executar sobre os corpos, classificando-os e ao mesmo tempo se confrontando quando eles se deparam com sujeitos trans. Seguindo esse direcionamento, os corpos trans são tidos e vistos como aqueles que não valem à pena viver, gerando assim uma série de conflitos para os sujeitos trans

Neste sentido, Judith Butler (2015) nos afirma que os corpos que não se identificam com o gênero designado ao nascimento, a partir do sexo, ou que borram as fronteiras, do “macho” e da “fêmea” ficam fora do conceito de humano, constituindo assim o domínio do desumano e do abjeto. Desta forma, compreendemos que desde a mais tenra idade, os corpos são educados por meio de processos e pedagogias distintas no âmbito familiar, escolar, comunitário, midiático, dentre outros.

---

<sup>1</sup> Cisgeneridade - é a condição da pessoa cuja identidade de gênero corresponde ao gênero que lhe foi atribuído no nascimento em função do genital do corpo.



Assim, aceitar as diferenças é uma forma de superar o medo e a abjeção sofridos por aqueles que se identificam como “diferentes” pois é através de tais emoções e sentimentos que o sujeito queer adquire certa resistência para fazer valer a sua opção com vistas a viver as suas diferenças.

Tais construtos tensiona o que Jane Felipe (2019), professora e pesquisadora do gênero, sexualidade e infância compreende como scripts de gênero, que se referem às atribuições culturalmente definidas como masculino e feminino, produzindo assim diferenças que, por sua vez, desencadeiam nas expectativas corporais e sexuais como as vemos. De acordo com Felipe (2019), desde muito cedo as crianças vão compreendendo os discursos acerca ‘do que é ser “menino” ou “menina” e do que é permitido a cada um/a’. Assim, desde que nascem, os bebês recebem marcas que os identificam a partir das expectativas de gênero presentes na cultura. Assim, os acessórios como brincos, pulseiras, são alguns exemplos de marcadores da generificação do mesmo modo que as cores e as roupas o mesmo acontece com os brinquedos e as brincadeiras que são disponíveis aos meninos e as meninas e que também se configuram como marcadores dessa expressão identitária de gênero.

Com os Scripts sexuais, segundo Felipe (2019), discorrem sobre o campo afetivo-sexual, ou seja, a forma como os sujeitos vivenciam seus prazeres e desejos corporais, combinando assim relações de afeto e/ou de interesse sexual para com os outros indivíduos, que podem ser do mesmo sexo (homossexuais), de ambos os sexos (bissexuais), do outro sexo diferente do seu (heterossexuais).

A partir de tais conceituações e retomando a problematização em relação à tríade sexo-gênero, identidade e sexualidade, nos debruçaremos sobre as identidades consideradas transgressoras (BENTO, 2008), tais como as identidades trans e suas (im) possibilidades de manifestação na infância. Valendo ressalta que para pensarmos em infâncias e transexualidade, lidaremos com uma ruptura nos jogos de poder que produzem um pensamento sobre o sujeito infantil de forma a-histórico, natural e universal. Neste exercício, voltamos nosso olhar para outras formas de infância.

Preciado (2013), filósofo e escritor feminista, ao escrever sobre a criança queer. Seu texto, “Quem defende/protege a criança queer?”, reafirma uma forte crítica ao sistema heteronormativo que



vigia e busca transformar as crianças em heterossexuais de forma compulsória. Sendo assim, há uma infância queer construída e vivenciada pelos sujeitos infantis que escapam da cisheteronormatividade. Ou seja, existe um modo de vida queer que ultrapassa essas infâncias e constrói o que Foucault (2010) denomina de “estética da existência”. Esta existência, mesmo atravessada pelo poder, luta em um processo de artesanaria de si produzindo outras formas de ser.

Em torno dessa temática, Berenice Bento, em sua entrevista concedida a Diego Madi Dias (2014), critica as concepções de infância trans ou de criança queer. Pois, para ela, os sujeitos infantis, são símbolo de amor, cuidado e proteção, e assim sendo, precisamos deixar as crianças livres, pois elas possuem a necessidade de realizar experimentações que transitam e brincam com os gêneros. Desta forma, acreditamos que as crianças são sujeitos que estão construindo diariamente sua relação e interação com o universo que a cerca. Neste sentido, elas encontram-se em um processo constante de experimentar para conhecer, o que acontece por meio das brincadeiras e interações com o outro e com o ambiente. Este movimento, por sua vez, tensiona os scripts de gênero, na medida em que neutraliza as normas sociais e culturais. Portanto, cabe aos educadores ampliar as reflexões acerca desses temas, para que possamos construir posturas mais empáticas, acolhedoras e compreensivas com o fato das crianças brincarem com os gêneros e (re) escreverem seus próprios scripts.

### **Considerações Finais**

Entendemos que a sexualidade na Educação Infantil gera ainda muitos conflitos entre família – escola – educadores e que, abordar esse tema ainda requer muito preparo no lidar com crianças que estão se desenvolvendo, se descobrindo a si mesma e aos outros. Há ainda aqueles que esquece que a sexualidade e a forma de viver são fabricadas, produzidas e ensinadas ao longo da vida. Em contrapartida, a sexualidade e suas atribuições de gênero persistem há mais de três séculos permanecendo revestida e encorpada de muito preconceito e, é vista na sociedade como algo indecoroso e feio,



constituindo assim um caráter meramente reprodutivo. Todos aqueles que vierem a ultrapassar com tal fronteira será discriminado tratado com indiferença pelo simples fato de estar fora dos padrões tido como “normal”. Quer seja na família, na escola ou através dos meios midiáticos, as crianças irão entrar em contato com esse universo e explorá-lo de acordo com as informações que são repassadas gradualmente. As manifestações sexuais se dão efetivamente na Educação Infantil a partir de brincadeiras, da descoberta do seu próprio corpo e do corpo do outro. Cabe assim a escola estar preparada para tal demanda e proporcionar a essas crianças um tratamento adequado e condizente com sua faixa etária, sem repressões, silêncios e castigos.

Por sua vez, se faz necessário desmistificar os binarismos existentes e defendidos ainda hoje em nossa sociedade assumindo uma postura aberta às diferenças onde meninos e meninas estejam juntos, compartilhem e possam viver suas identidades com base no respeito às diferenças existentes. Para tanto é preciso criarmos um ambiente educativo aberto e distorcido para incluir as sexualidades dissidentes, ou seja, os corpos que atravessam as fronteiras e borram o gênero e a sexualidade.

Concluimos que ainda há muitos desafios a serem superados no caminho da sexualidade, do gênero, da identidade e da diversidade na Educação Infantil e que, diversos são os fatores que contribuem para isso, portanto uma emergente postura positiva em relação a desmistificar tais temas seria uma das formas de se conseguir avanços nesse campo de estudo ainda restrito por aqueles que trazem intrinsecamente em seu interior posturas binárias e preconceituosas oriundas de uma sociedade e cultura sexista ainda vigente.

### **Referências**

ATHAYDE, T. Infância e cisheteronormatividade. In: POCAHY, F.; CARVALHO, F. da S. P. de; COUTO JUNIOR, D. R. (org.). Gênero, sexualidade e geração: intersecções na educação e/m saúde. Aracaju: EDUNIT, 2018



BARBOSA, Maria C. S. Praticar uma educação para a diversidade no dia-a-dia da escola de educação infantil. In: FRANCISCO, Denise A.; MENEZES, Mireila S. Reflexões sobre as práticas pedagógicas. Novo Hamburgo: Feevale, 2009.

BENTO, B. A. de M. O que é transexualidade. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BRAGA, Eliane Rose Maio. Gênero, sexualidade e educação: questões pertinentes à Pedagogia In: CARVALHO, Elma Júlia Gonçalves de. FAUSTINO, Rosangela Célia. Educação e Diversidade Cultural. Maringá: EDUEM, 2010

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: orientação sexual. Brasília: MEC/SEF, 1997.p.42

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, v. 2, 1998

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC, SEB, 2010

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de; RIBEIRO, Cláudia. Sexualidade (s) Infância (s): A sexualidade como um tema transversal. São Paulo: Editora da Universidade de campinas 1999.

FELIPE, J. Scripts de gênero, sexualidade e infância: temas. In: ALBUQUERQUE, S. S.; FELIPE, J.; CORSO, L.V. (Org.). Para pensar a docência na educação infantil. Porto Alegre: Evanfrag, 2019. p.



236-248.

GUSMÃO, Neusa M. M. Desafios da Diversidade na Escola. *Revista Mediações*, Londrina, v.5, n.2, p.9-28, jul/dez, 2000

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 2011

PRECIADO, B. Quem defende a criança queer?. *Liberation*, 2013. Artigo publicado em: 14 jan. 2013 < [http://www.liberation.fr/societe/2013/01/14/qui-defend-enfantqueer\\_873947](http://www.liberation.fr/societe/2013/01/14/qui-defend-enfantqueer_873947)>

SILVA, J. P. de L. Crianças queer no currículo escolar: demandando visibilidade e bagunçando as normas de gênero. In: PARAÍSO, M. A.; CALDEIRA, M. C. da S. (Orgs.). *Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades*. Belo Horizonte: Mazza Edições , 2018. p. 261 – 278.

## *Política e Escopo da Coleção de livros Humanas em Perspectiva*



A Humanas em Perspectiva (HP) é uma coleção de livros publicados anualmente destinado a pesquisadores das áreas das ciências humanas. Nosso objetivo é servir de espaço para divulgação de produção acadêmica temática sobre essas áreas, permitindo o livre acesso e divulgação dos escritos dos autores. O nosso público-alvo para receber as produções são pós-doutores, doutores, mestres e estudantes de pós-graduação. Dessa maneira os autores devem possuir alguma titulação citada ou cursar algum curso de pós-graduação. Além disso, a Coleção aceitará a participação em coautoria.

A nossa política de submissão receberá artigos científicos com no mínimo de 5.000 e máximo de 8.000 palavras e resenhas críticas com no mínimo de 5 e máximo de 8 páginas. A HP irá receber também resumos expandidos entre 2.500 a 3.000 caracteres, acompanhado de título em inglês, abstract e keywords.

O recebimento dos trabalhos se dará pelo fluxo contínuo, sendo publicado por ano 10 volumes dessa coleção. Os trabalhos podem ser escritos em português, inglês ou espanhol.

A nossa política de avaliação destina-se a seguir os critérios da novidade, discussão fundamentada e revestida de relevante valor teórico - prático, sempre dando preferência ao recebimento de artigos com pesquisas empíricas, não rejeitando as outras abordagens metodológicas.

Dessa forma os artigos serão analisados através do mérito (em que se discutirá se o trabalho se adequa as propostas da coleção) e da formatação (que corresponde a uma avaliação do português e da língua estrangeira utilizada).



O tempo de análise de cada trabalho será em torno de dois meses após o depósito em nosso site. O processo de avaliação do artigo se dá inicialmente na submissão de artigos sem a menção do(s) autor(es) e/ou coautor(es) em nenhum momento durante a fase de submissão eletrônica. A menção dos dados é feita apenas ao sistema que deixa em oculto o (s) nome(s) do(s) autor(es) ou coautor(es) aos avaliadores, com o objetivo de viabilizar a imparcialidade da avaliação. A escolha do avaliador(a) é feita pelo editor de acordo com a área de formação na graduação e pós-graduação do(a) professor(a) avaliador(a) com a temática a ser abordada pelo(s) autor(es) e/ou coautor(es) do artigo avaliado. Terminada a avaliação sem menção do(s) nome(s) do(s) autor(es) e/ou coautor(es) é enviado pelo(a) avaliador(a) uma carta de aceite, aceite com alteração ou rejeição do artigo enviado a depender do parecer do(a) avaliador(a). A etapa posterior é a elaboração da carta pelo editor com o respectivo parecer do(a) avaliador(a) para o(s) autor(es) e/ou coautor(es). Por fim, se o trabalho for aceito ou aceito com sugestões de modificações, o(s) autor(es) e/ou coautor(es) são comunicados dos respectivos prazos e acréscimo de seu(s) dados(s) bem como qualificação acadêmica.

A nossa coleção de livros também se dedica a publicação de uma obra completa referente a monografias, dissertações ou teses de doutorado.

O público terá acesso livre imediato ao conteúdo das obras, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



# Índice Remissivo



## E

### Educação

*página 7*

*página 15*

*página 18*

*página 44*

*página 45*

### Ensino

*página 10*

*página 11*

*página 21*

*página 21*

## I

### Infância

*página 15*

*página 34*

*página 37*

*página 41*

## L



Lúdico

*página 35*

*página 36*

*página 38*

*página 39*

**T**

Tecnología

*página 9*

*página 18*

*página 21*

*página 22*

*página 23*



Esse novo volume reúne diversos artigos rigorosamente avaliados e de extrema credibilidade científica e acadêmica para a sociedade. Desejamos que todos os leitores que façam um excelente proveito para aprofundamento teórico e crescimento pessoal por meio dos estudos publicados.



Periodicojs  
EDITORA ACADÊMICA